

PMs em greve apedrejam colegas, quebram ônibus e destroem caixa eletrônico do quartel. Selvageria racha movimento. Polícia abre IPM para punir responsáveis

Farda desonrada

Carolina Nogueira

Da equipe do **Correio**

O comando de greve da Polícia Militar, que desde setembro do ano passado vem fazendo movimentações por melhorias salariais, atingiu um limite perigoso. Depois de uma assembléia realizada quinta-feira, na Praça do Relógio, em Taguatinga, cerca de 400 policiais à paisana, movidos pelo movimento grevista, promoveram uma pancadaria no 2º Batalhão de Polícia Militar, contra colegas de farda.

Os manifestantes foram conduzidos ao quartel por um carro de som, insuflados pelo ex-cabo Aires Costa, que foi expulso da corporação e hoje é presidente da Força Policial. O

ato contrariou as outras entidades presentes na assembléia: as Associações dos Bombeiros (Asbom) e dos Policiais Militares (Aspol).

Dentro do Batalhão, 64 policiais estavam de plantão. Aires perdeu o controle da situação e os militantes começaram uma depredação. Um ônibus teve os vidros quebrados, o caixa eletrônico do quartel foi destruído. Dois policiais militares que faziam a guarda do 2º Batalhão foram atingidos com pedradas. “Só não houve um mal maior porque aqui dentro nós temos comando e nossos homens fizeram guarda”, afirma o subcomandante do 2º Batalhão, major Mário Júnior. Os manifestantes querem a aprovação de uma lei de remuneração da ca-

tegoria, que teve sua legislação revogada no ano passado, com o fim da indexação salarial da PM às Forças Armadas.

MANIFESTAÇÃO

A ação revoltou o comando da Polícia Militar. “Já estamos instaurando um Inquérito Policial Militar (IPM). Todos os envolvidos serão punidos”, garantiu Ruy Sampaio, comandante geral da PMDF. O procurador geral do MPDFT, Eduardo Albuquerque, também já está estudando pedidos de inquéritos civis públicos e de prisões preventivas, que deverão ser apresentadas na próxima semana. “Não vou permitir que a baderna se instale no DF”, promete Albuquerque.

A greve, deflagrada no ato, ficou esvaziada, ontem. “Nem mesmo os policiais concordaram, ninguém aderiu à greve”, explicou o presidente da Aspol, cabo Sidney Patrício, que ameaça romper com Aires Costa: “Ele não tem mais nada a perder, não está mais sujeito à legislação militar”. “Isso não é traição, temos uma farda a zelar. Ele é muito radical”, emendou o capitão Adenildo Mesquita, vice-presidente da Asbom.

Na segunda-feira, às 9h, as associações se reúnem na CUT/DF para tentar manter o movimento unido. Se não houver um racha no Comando de Greve, está marcada para quarta-feira, também às 9h, uma manifestação com indicativo grevista, no Gran Circo Lar.